

## *Auto de Mofina Mendes* de Gil Vicente

FIGURAS: A Virgem, Prudência, Pobreza, Humildade, Fé, o Anjo Gabriel, S. José, André, Paio, Vaz, Pessival, Mofina Mendes, Brás Carrasco, Barba Triste, Tibaldinho, Anjos.

*A obra seguinte foi representada ao excelente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada às matinas do Natal, na era do Senhor 1534.*

*Entra primeiramente hum Frade, o a modo de pregação diz o que se segue.*

FRADE – Três cousas acho que fazem  
ao doudo ser sandeu;  
húa ter pouco siso de seu,  
a outra, que esse que tem  
não lhe presta mal nem bem:  
e a terceira,  
que endoudece em grã maneira,  
he o favor (livre-nos Deus)  
que faz do vento cimeira,  
e do toutiço moleira,  
e das ondas faz ilhéus.

Diz Francisco de Mairões,  
Ricardo, e Bonaventura,  
não me lembra em que escritura,  
nem sei em quais distinções,  
nem a cópia das razões  
mas o latim  
creio que dizia assim:

*Nolite vanitatis debemus confidere de his, qui capita sua posuerunt in manibus ventorum &c.*

Quer dizer este matiz  
antre os primores que traz:  
não he sesudo o juiz,  
que tem jeito no que diz,  
e não acerta o que faz.  
Diz *Boecio – de consolationis,*  
*Origenes – Marci Aureli,*  
*Sallustius – Catilinarium,*  
*Josepho – speculum belli,*  
*glosa interliniarum;*

*Vicentius – scala coeli,*

*Magister sententiarum,*  
*Demosthenes, Calistrato;*  
 todos estes concertaram  
 con *Scoto*, livro quarto.  
 Dizem: não vos enganeis,  
 letrados de Rio Torto,  
 que o porvir não no sabeis,  
 e quem nisso quer pôr peis  
 tem cabeça de minhoto.

Ó bruto animal da serra,  
 ó terra filha do barro,  
 como sabes tu, bebarro,  
 quando há de tremer a terra,  
 que espantas os bois e o carro?  
 pelos *quaes dixit Anselmus,*  
 e *Seneca, – Vandaliarum,*  
 e *Plinius – Choronicarum,*  
 et *tamen glosa ordinaria,*  
 e *Alexander – de aliis,*  
*Arístoteles – de secreta secretorum:*

*Albertus Magnus,*  
*Tullius Ciceronis,*  
*Ricardus, Ilarius, Remigius,*  
 dizem, convém a saber:  
 se tens prenhe tua mulher,  
 e per ti o compuseste,  
 queria de ti entender  
 em que hora há de nascer,  
 ou que feições há de ter  
 esse filho que fizeste.

Não no sabes; quanto mais  
 cometerdes falsa guerra,  
 presumindo que alcançais  
 os secretos divinais  
 que estão debaixo da terra.  
 Polo qual diz *Quintus Curtius,*  
*Beda – de religione christiana,*  
*Thomas – super trinitas alternati,*  
*Agustinus – de angelorum choris,*  
*Hieronimus – d'alphabeticus hebraice,*  
*Bernardus – de virgo assumptionis,*  
*Remigius – de dignitate sacerdotum.*

Estes dizem juntamente  
 nos livros aqui alegados:  
 se filhos haver não podes,  
 nem filhas por teus pecados,

cria desses enjeitados,  
 filhos de clérigos pobres.  
 Pois tens saco de cruzados,  
 lembre-te o rico avarento,  
 que nesta vida gozava,  
 e no inferno cantava:  
 água, Deus, água,  
 que lhe arde a pousada.

Mandaram-me aqui subir  
 neste santo anfiteatro,  
 para aqui introduzir  
 as figuras que hão de vir  
 com todo seu aparato.  
 He de notar,  
 que haveis de considerar  
 isto ser contemplação  
 fora da historia geral,  
 mas fundada em devação.

A qual obra he chamada  
 os mistérios da Virgem;  
 que entrará acompanhada  
 de quatro Damas, com quem  
 de menina foi criada.  
 A húa chamam Pobreza,  
 outra chamam Humildade;  
 damas de tanta nobreza,  
 que tod'alma que as preza  
 he morada da Trindade.

A outra, terceira delas,  
 chamam Fé por excelência;  
 à outra chamam Prudência.  
 E virá a Virgem com elas,  
 com mui fermosa aparência.  
 Será logo o fundamento  
 tratar da saudação.  
 e depós deste sermão,  
 hum pouco do nascimento;  
 tudo per nova invenção.

Antes disto que dissemos,  
 virá com musica orfea  
*Domine labia mea,*  
 e *Venite adoremus* vestido  
 com capa alhea.  
 Trará *Te Deum laudamus*  
 d'escarlata húa libré:  
*jam lucis orto sidere*

cantará o *benedicamus*,  
pola grã festa que he.

Quem terra, *Pontus, athera*  
virá muito assossegado  
n'hum sendeiro mal pensado,  
e hum gibão de tafetá,  
e hũa gorra d'orelhado.

*Em este passo entra nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzelas, e diante quatro anjos com musica: e depois de assentadas, começam cada hũa de estudar per seu livro, e diz a*

VIRGEM – Que ledes, minhas criadas?  
que achais escrito hi?

PRUDÊNCIA – Senhora, eu acho aqui  
grandes cousas enovadas,  
e mui altas pera mi.  
Aqui a Sibila Ciméria  
diz que Deus será humanado  
de hũa virgem sem pecado,  
que he profunda matéria  
pera meu fraco cuidado.

POBREZA – Erutea profetiza  
diz aqui também o que sente:  
que nascerá pobrememente,  
sem cueiro nem camisa,  
nem cousa com que se aquece.

HUMILDADE – E o profeta Isaías  
fala nisto também cá:  
eis a Virgem conceberá,  
e parirá o Messias,  
e frol virgem ficará.

FÉ – Cassandra d'elrei Priámo  
mostrou essa rosa frol  
com hum menino a par do sol  
a César Octaviano,  
que o adorou por Senhor.

PRUDÊNCIA – *Rubum quem viderat Moisem*  
sarça, que no ermo estava,  
sem lhe pôr lume ninguém;  
o fogo ardia mui bem,  
e a sarça não se queimava.

FÉ – Significa a Madre de Deus;  
esta sarça he ela só;  
e a escada que viu Jacob,  
que subia aos altos céus,

também em de seu voo.  
 PRUDÊNCIA – Deve de ser por razão  
 de todas perfeições cheia  
 toda, quem quer que ela he.

HUMILDADE – Aqui a chama Salomão  
*tota pulchra amica mea,*  
*et macula non est in te.*  
 E diz mais, que he *porta coeli*  
*et electa ut sol,*  
 bálsamo mui oloroso  
*pulchra ut lilium* gracioso,  
 das flores mais linda flor,  
 dos campos o mais fermoso:  
 chama-lhe *plantatio rosa,*  
*nova oliva speciosa,*  
 mansa *columba Noe,*  
 estrela a mais lumiosa.

PRUDÊNCIA – *Et acies ordinata,*  
 fermosa filha d'elrei  
 de Jacob, *et tabernacula*  
*speculum sine macula,*  
*ornata civitas Dei.*  
 Fé. Mais diz ainda Salomão:  
*Hortus conclusus, flos hortorum,*  
*medecina peccatorum,*  
 direita vara de Arão,  
 alva sobre quantas forão,  
 santa sobre quantas são.

E seus cabelos polidos  
 são fermosos em seu grado  
 como manadas de gado,  
 e mais que os campos floridos,  
 em que anda apacentado.  
 PRUDÊNCIA –. He tão zeloso o Senhor,  
 que quererá o seu estado  
 dar ao mundo per favor,  
 por húa Eva pecador,  
 húa virgem sem pecado

VIRGEM – Oh! se eu fosse tão ditosa  
 que com estes olhos visse  
 senhora tão preciosa,  
 tesouro da vida nossa,  
 e por escrava a servisse!  
 que onde tanto bem, se encerra,  
 vendo-a cá entre nós,  
 nela se verão os céus,

e as virtudes da terra,  
e as moradas de Deus.

*Neste passo entra o anjo Gabriel, dizendo*

GABRIEL – Oh! Deus te salve, Maria,  
cheia de graça graciosa,  
dos pecadores abrigo!  
goza-te com alegria,  
humana e divina rosa,  
porque o Senhor he contigo.

VIRGEM – Prudência, que dizeis vós?  
que eu muito turbada sam;  
porque tal saudaçam  
não se costuma antre nós.

PRUDÊNCIA – Pois que he auto do Senhor,  
senhora, não esteis turbada;  
tomai em vossa color,  
que, segundo o embaixador,  
tal se espera a embaixada.

GABRIEL – Ó Virgem, se ouvir me queres,  
mais te quero inda dizer.  
Benta es tu em mereceres  
mais que todas as mulheres,  
nascidas, e por nascer.

VIRGEM – Que dizeis vós, Humildade;  
que este verso vai mui fundo,  
porque eu tenho por verdade  
ser em minha calidade  
a menos cousa do mundo?

HUMILDADE – O anjo, que dá o recado,  
sabe bem disso a certeza.  
Diz David no seu tratado,  
qu'esse espirito assi humilhado  
he cousa que Deus mais preza.

GABRIEL – Alta Senhora, sab'ras,  
que tua santa humildade  
te deu tanta dignidade,  
que hum filho conceberás  
da divina Eternidade.  
o Seu nome, será chamado  
Jesu e Filho de Deus;  
e o teu ventre sagrado  
ficará horto cerrado;  
e tu – Princesa dos Céus.

VIRGEM – Que direi, Prudência minha?

a vós quero por espelho.  
 PRUDÊNCIA – Segundo o caso caminha,  
 deveis, Senhora Rainha,  
 tomar com, o Anjo conselho.  
 VIRGEM – *Quomodo fiat istud,*  
*quoniam virum non cognosco?*  
 porque eu dei minha pureza  
 ao Senhor, e meu poder,  
 com toda minha firmeza.

GABRIEL – *Spiritus sanctus superveniet in te;*  
 e a virtude do Altíssimo,  
 Senhora, te cobrirá;  
 porque seu filho será,  
 e teu ventre sacratíssimo  
 per graça conceberá.  
 VIRGEM – Fé, dizei-me vosso intento,  
 que este passo a vós convém.  
 Cuidemos nisto mui bem,  
 porque a meu consentimento  
 grandes dúvidas lhe vem.

Justo he que imagine eu,  
 e que estê muito turbada.  
 Querer quem o mundo he seu,  
 sem merecimento meu,  
 entrar em minha morada;  
 e hũa suma perfeição,  
 de resplendor guarnecido,  
 tomar pera seu vestido  
 sangue do meu coração,  
 indigno de ser nacido!

E aquele que ocupa o mar,  
 enche os céus e as profundezas,  
 os orbes e redondezas;  
 em tão pequeno lugar  
 o como poderá estar  
 a grandeza das grandezas!  
 GABRIEL – Porque tanto isto não peses,  
 nem duvides de querer,  
 tua prima Elisabeth  
 he prenhe, e de seis meses.

E tu, Senhora, has de crer,  
 que tudo a Deus he possível,  
 e o que he mais impossível,  
 lhe he o menos de fazer.  
 vir. Anjo, perdoai-me vós,  
 que com a Fé quero falar.

Pedirei sinal dos Céus.  
Fé. Senhora, o poder de Deus  
não se há de examinar

Nem deveis de duvidar,  
pois sois dele tão querida  
GABRIEL – E d'*ab initio* escolhida:  
e manda-vos convidar,  
pera madre vos convida.  
VIRGEM – *Ecce ancilla Domini*,  
faça-se sua vontade  
no que sua Divindade  
mandar que seja de mi,  
e de minha liberdade.

*Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos à sua partida tocam seus instrumentos, o cerra-se a cortina.*

\*  
\*   \*

*Juntam-se os Pastores pera o tempo do nascimento. Entra primeiro André o diz:*

ANDRÉ – Eu perdi, se s'acontece,  
a asna ruça de meu pai.  
O rasto por aqui vai,  
mas a burra não parece,  
nem sei em que vale cai.  
Leva os tarros e apeiros,  
e o surrão co'os chocalhos,  
os samarros dos vaqueiros,  
dois sacos de pães inteiros,  
porros, cebolas e alhos.

Leva as peas da boiada,  
as carrancas dos rafeiros,  
e foi-se a pascer folhada;  
porque besta despeada;  
não paze nos soveiros.  
E s'ela não parecer  
atás per noite fechada,  
não temos hoje prazer;  
que na festa sem comer  
não há hi gaita temperada.  
Entra Payo Vaz e diz:

PAIO – Mofina Mendes he cá  
c'hum fato de gado meu?  
ANDRÉ – Mofina Mendes ouvi eu  
assoviar, pouco lia,

no vale de João Viseu.  
 PAIO – Nunca esta moça sossega,  
 nem samica quer fortuna:  
 anda em saltos como pega,  
 tanto faz, tanto trasfega,  
 que a muitos importuna.

ANDRÉ – Mofina Mendes quanto há,  
 que vos serve de pastora?  
 PAIO – Bem trinta anos haverá,  
 ou creio que os faz agora:  
 mas sossego não alcança;  
 não sei que maleita a toma.  
 Ela deu o saco em Roma,  
 e prendeu el-rei de França:  
 agora anda com Mafona,  
 e pôs o turco em balança.

Quando cuidei que ela andava  
 co'o meu gado onde soía,  
 pardeos! ela era em Turquia,  
 e os Turcos amofinava,  
 e a Carlos César servia.  
 Diz que assi resplandecia  
 neste capitão do céu  
 a vontade que trazia,  
 que o Turco esmoreceu,  
 e a gente que o seguia.

Receou a guerra crua  
 que o César lhe prometia;  
 entances *per aliam via*  
*reverte sunt in Patria sua*  
 com quanta gente trazia.

*Entra Pessival.*

PESSIVAL – Achaste a tua burra, André?  
 ANDRÉ – Bofá não.  
 PESSIVAL – Não pode ser.  
 Busca bem, leixa o fardel;  
 que a burra não era mel,  
 que a haviam de comer.

ANDRÉ – Saltarião pegas nela,  
 por caso da matadura?  
 PESSIVAL – Pardeos! essa seri'ela!  
 e que pega seria aquela,  
 que lhe tirasse a albardadura?  
 PAIO – Mas crê que andou per hi

Mofina Mendes, rapaz;  
 que, segundo as cousas faz,  
 se isto não for assi,  
 que não seja eu Paio Vaz.

Ora chama tu por ela,  
 e aposto-te a carapuça,  
 que a negra burra ruça  
 Mofina Mendes deu nela.  
 ANDRÉ – Mofina Mendes! ah Mofina Men!  
 MOFINA – Que queres, André? que has?

*(de longe)*

ANDRÉ – Vem tu cá, e vê-lo-ás;  
 e se has de vir, logo vem,  
 e acharás aqui também  
 a teu amo Paio Vaz.

*Entra Mofina Mendes, e diz Paio Vaz, seu amo:*

PAIO VAZ – Onde deixas a boiada  
 e as vacas, Mofina Mendes?  
 MOFINA – Mas que cuidado vós tendes  
 de me pagar a soldada,  
 que há tanto que me retendes?  
 PAIO VAZ – Mofina, dá-me conta tu  
 onde fica o gado meu!  
 MOFINA – A boiada não vi eu,  
 andam lá não sei per u,  
 nem sei que pacigo é o seu.

Nem as cabras não nas vi,  
 samicas c'os arvoredos;  
 mas não sei a quem ouvi  
 que andavam elas per i  
 saltando pelos penedos.  
 PAIO VAZ – Dá-me conta rês a rês,  
 pois pedes todo teu frete.  
 MOFINA - Das vacas morreram sete,  
 e dos bois morreram três.

PAIO VAZ – Que conta de negregura!  
 Que tais andam os meus porcos?  
 MOFINA – Dos porcos os mais são mortos  
 de magreira e má ventura.  
 PAIO VAZ – E as minhas trinta vitelas  
 das vacas, que te entregaram?  
 MOFINA – Creio que i ficaram delas,  
 porque os lobos dizimaram,

e deu olho mau por elas,  
que mui poucas escaparam.

PAIO VAZ – Diz-me: e dos cabritinhos  
que recado me dás tu?

MOFINA – Eram tenros e gordinhos  
e a zorra tinha filhinhos,  
e levou-os um a um.

PAIO VAZ – Essa zorra, essa malina,  
se lhe correras trigosa,  
não fizera essa chacina:

Porque mais corre a Mofina  
vinte vezes qu'a raposa.

MOFINA – Meu amo, já tenho dada  
a conta do vosso gado  
muito bem, com bom recado.

Pagai-me minha soldada,  
como ternos concertado.

PAIO VAZ – Os carneiros, que ficaram,  
e as cabras, que se fizeram?

MOFINA – As ovelhas reganharam,  
as cabras engafeceram,  
os carneiros se afogaram  
e os rafeiros morreram.

PESSIVAL – Paio Vaz, se queres gado,  
dá ò demo essa pastora!

Paga-lhe o seu, vá-se embora

Ou má hora,  
e põe o teu em recado.

PAIO VAZ – Pois Deus quer que pague e peite  
tão daninha pegureira,

em pago desta canseira  
toma este pote de azeite

e vai-o vender à feira;  
e quiçás medrarás tu,  
o que eu contigo não posso.

MOFINA – Vou-me à beira de Trancoso  
Logo, nome de Jesu,  
e farei dinheiro grosso.

Do que este azeite render  
comprarei ovos de pata,

que é a coisa mais barata  
que eu de lá posso trazer.

E estes ovos chocarão,  
cada ovo dará um pato,

e cada pato um tostão  
que passará de um milhão  
e meio, a vender barato.

Casarei rica e honrada  
per estes ovos de pata,  
e o dia que for casada  
sairei ataviada  
com um brial de escarlata,  
e diante o desposado,  
que me estará namorando,  
virei de dentro bailando  
assi dest'arte bailado.  
esta cantiga cantando.

*Estas coisas diz Mofina Mendes com o pote de azeite à cabeça; e, andando enlevada no baile, cai-lhe.*

PAIO VAZ – Agora posso eu dizer  
e jurar e apostar  
que és Mofina Mendes toda.  
PESSIVAL – E se ela baila na voda,  
que está ainda por sonhar,  
e os patos por nascer,  
e o azeite por vender,  
e o noivo por achar,  
e a Mofina a bailar,  
– que menos podia ser?

*Vai-se Mofina Mendes cantando.*

MOFINA – «Por mais que a dita me enjeite,  
«pastores, não me deis guerra;  
«que todo o humano deleite,  
«como o meu pote de azeite,  
«há-de dar consigo em terra.»

*Entram outros pastores, cujos nomes são: Brás Carrasco, Barba Triste, o Tibaldinho ; e diz*

BRÁS – Ó Pessival meu vezinho!  
PESSIVAL – João Carrasco, dize, viste  
a burra desse outeirinho?  
BRÁS – Pergunta tu a Tibaldinho,  
ou pergunta a Barba Triste,  
ou pergunta a João Calveiro.  
JOÃO – O fato trago eu aqui,  
e a burra eu a meti  
na corte do Rabileiro.  
Nós deitemo-nos per hi.

Andamos todos cansados,  
 o gado seguro está:  
 e nós aqui abrigados  
 durmamos senhos bocados,  
 que a meia noite vem já.

*Em este passo se deitam a dormir os Pastores ; e logo se segue a segunda parte, que he hũa breve contemplação sobre o Nascimento.*

Ó cordeiro divinal,  
 precioso verbo profundo,  
 vem-se a hora  
 em que teu corpo humanal  
 quer caminhar pelo mundo.  
 Desde agora  
 sairás ao campo mundano  
 a dar crua e nova guerra  
 aos inimigos,  
 e glória a Deus soberano  
*in excelsis et in terra*  
*pax hominibus.*  
 Sairá, o nobre leão,  
 rei do tribo de Judá,  
*Radix David;*  
 o duque da promessa  
 como esposo sairá  
 do seu jardim:  
 e o Deus dos anjos servido,  
*sanctus, sanctus,* sem cessar  
 lhe cantando,  
 vereis em palhas nacido,  
 sem candeia e sem luar,  
 suspirando.

E porque a noite he quase meia,  
 e são horas que esperemos  
 seu nacer,  
 ide, Fé, por essa aldeia  
 acender esta candeia,  
 pois outras tochas não temos  
 que acender;  
 e sem serdes preguntada,  
 nem lhes vir pola memória,  
 direis em cada pousada  
 que'esa, he a vela da glória.

*Em este passo José e a Fé vão acender a candeia, e a Virgem com as Virtudes, de gíolhos, a versos rezam este*

## SALMO

VIRGEM – Ó devotas almas feliz,  
 pera sempre sem cessar  
*Laudate Dominum de coelis,*  
*Laudate cum in excelsis,*  
 quanto se poder louvar.

PRUDÊNCIA – Louvai, anjos do Senhor,  
 ao Senhor das altezas,  
 e tôdalas profundezas,  
 louvai vosso criador  
 com todas suas grandezas.

HUMILDADE – *Laudate eum, Sol et Luna,*  
*laudate eum, stelae et lumen,*  
*et lauda Hierusalem,*  
 ao Senhor que te enfuna  
 neste portal de Belém.

VIRGEM – Louvai o Senhor dos céus,  
 louvai-o, agua das aguas,  
 que sobre os céus sois firmadas;  
 e louvai o Senhor Deus,  
 relâmpagos e trovoadas.

PRUDÊNCIA – *Laudate Dominum de terra,*  
*dracones et omnes abyssi,*  
 e todas adversidades  
 de névoas e serra,  
 ventos, nuvens *et eclipsi,*  
 e louvai-o, tempestades.

HUMILDADE – *Bestiae et universa*  
*Pecora, volucres, serpentes,*  
 louvai-o, todalas gentes,  
 e toda a cousa diversa  
 que no mundo sois presentes.

*Vem a Fé com a vela sem lume, o diz*

JOSÉ – Não vos anojeis, Senhora,  
 pois estais em terra alheia,  
 ser o parto sem candeia,  
 porque as gentes d'agora  
 são de mui perversa veia.  
 Todos dormem a prazer,  
 sem lhes vir pela memória  
 que per força hão de morrer;  
 e não querem acender

a santa vela da glória.

HUMILDADE – Deviam ter piedade  
da Senhora peregrina,  
romeira da Cristandade,  
que está nesta escuridade;  
sendo Princesa divina,  
pera exemplo dos senhores,  
pera lição dos tiranos,  
pera espelho dos mundanos,  
pera lei aos pecadores,  
e memória dos enganos.

FÉ – Não fica por lho pregar,  
não fica por lho dizer,  
não fica por lho rogar;  
mas não querem acordar,  
com pressa de adormecer.  
Deles fazem que não ouvem,  
e eles ouvem muito bem;  
deles fazem que não vem,  
e deles que não entendem  
o que vai nem, o que vem.

Sem memória nem cuidado  
dormem em cama de flores,  
feita de prazer sonhado:  
seu fogo tão apagado  
como em choça de pastores;  
e vossa divina vela,  
vossa eternal candeia,  
feita da cera mais bela,  
em, cidade nem aldeia  
não há hi lume para ela.

Todo o mundo está mortal,  
posto em tão escuro porto  
de ùa cegueira geral,  
que nem fogo, nem sinal,  
nem vontade: tudo he morto.  
VIRGEM – Prudência, i vós co'ela,  
que nas horas há hi mudança:  
e acendei ess'outra vela,  
que se chama da esperança,  
e lhes convém acendé-1a.

E dizei-lhe que o pavio  
desta vela he a salvação,  
e a cera o poderio  
que tem o livre alvedrio,

e o lume a perfeição.  
 JOSÉ – Senhora, não monta mais  
 semear milho nos rios,  
 que queremos por sinais  
 meter cousas divinais  
 nas cabeças dos bugios.

Mandai-lhe acender candeias,  
 que chamem ouro e fazenda,  
 e vereis bailar baleias;  
 porque irão tirar das veias  
 o lume com que se acenda.  
 E à gente religiosa  
 manda-lhes velas bispais;  
 a cera, de renda grossa os pavios,  
 de casais; e logo não porão grossa.

PRUDÊNCIA – Senhora, a meu parecer,  
 pera esta escuridade  
 candeia não há mister;  
 que o Senhor qu'há de nacer  
 he a mesma claridade;  
*lumen ad revelationem gentium*  
 he profetizado a nós,  
 e agora se há de cumprir:  
 pois para que he ir e vir,  
 buscar lume pera vós,  
 pois lume haveis de parir?  
 Nem deveis de estar aflita,  
 pera lhe guisar manjar;  
 porque he fartura infinita,  
 he chamado *Panis vita*,  
 não tendes que desejar.  
 E se pera seu nacer  
 tão pobre casa escolheu,  
 não vos deveis de doer,  
 porque onde ele estiver  
 está a corte do Céu.  
 Se cueiros vos dão guerra,  
 que os não tendes por ventura,  
 não faltará cobertura  
 a quem os céus e a terra  
 o vestiu de tal formosura.

*Em este passo chora o Menino, posto em hum berço: as Virtudes cantando o  
 embalam, e o Anjo vai aos pastores, o diz cantando.*

ANJO – «Recordai, pastores!»  
 ANDRÉ – Ou de lá, que nos quereis?  
 ANJO – «Que vos levanteis.»

ANDRÉ – Pera que, ou que vai lá?

ANJO – «Naceu em terra de Judá  
«hum Deus só, que vos salvará.»

ANDRÉ – E dou-lhe que fossem três:  
eu não sei que nos quereis.

ANJO – «Que vos levanteis.»

ANDRÉ – Quero'eu erguer, em tanto  
veremos que isto quer ser.  
Sempre m'esquece o benzer  
cada vez que me levanto.

*(Os Anjos cantando)*

ANJO – «Ah pastor! ah pastor!»

ANDRÉ – que nos quereis, escudeiros?

ANJO – «Chama todos teus parceiros,  
«vereis vosso Redentor.»

ANDRÉ – Não durmais mais, Paio Vaz,  
ouvireis cantar aquilo

PAIO – Ora tu não, vês que he grilo?

vai-te d'hi, aramá vás,  
que eu não hei mister ouvi-lo.

ANDRÉ – Pessival, acorda já.

PESSIVAL – Acorda tu a João Carrasco.

JOÃO – Não creio eu em San Vasco.  
se me tu acolhes lá.

ANDRÉ – Levanta-te, Barba Triste.

Bar. Tu que has, ou que me queres?

ANDRÉ – Que vamos ver os prazeres,  
que eu nem tu nunca viste.

Bar. Pardeos, vai tu se quiseres,  
salvo se na refestela

me dessem bem de comer;

senão deixa-me jazer,

que não hei de bailar nela

vai tu lá embora ter.

Acorda a Tibaldinho,

e ó Calveiro e outros três,

e a mi cobre-me os pés;

então vai-te teu caminho,

que eu hei de dormir hum mês

ANJO – Pastores, ide a Belém.

ANDRÉ – Tibaldinho, não te digo  
que nos chama a não sei quem?

TIBALDINO – Bem no ouço eu, porém

que tem Deus de ver comigo?

ANDRÉ – Isso he parvoejar.  
Levantai-vos, companheiros,  
que por vales e outeiros  
não fazem nego chamar  
por pastores e vaqueiros.

ANJO – Pera a festa do Senhor  
poucos pastores estais.

PAIO – Vós bacelo quereis pôr,  
ou fazer algum lavor,  
que tanta gente ajuntais?

ANJO – Vós não sois oficiais  
senão de guardardes gado.

JOÃO – Dizei, Senhor, sois casado?  
ou quando embora casais?

ANDRÉ – Oh como es desentoadado!

ANJO – Quisera que fôreis vós  
vinte ou trinta pegureiros.

PAIO – Antes que vós deis três voos,  
bem ajuntaremos nós  
nesta serra cem vaqueiros.

ANJO – ora trazei-os aqui,  
e esperai naquela estrada,  
que logo a Virgem sagrada  
a Jerusalém vai per hi  
ao templo endereçada.

*Tocam os anjos seus instrumentos, e as Virtudes cantando, o os pastores,  
bailando, se vão.*

LAUS DEO

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*